

ARTE, ESTÉTICA E PROPOSIÇÕES FILOSÓFICAS NA CRIAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DE SENTIDO

LOPES, A.M.¹, CORRAL, C.M.²,

¹ Autor, Universidade da Região da Campanha (URCAMP) – Bagé – RS – Brasil

Antonielm150@gmail.com

² Orientadora Universidade da Região da Campanha (URCAMP) – Bagé – RS - Brasil

claudiacorrals@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho apresenta alguns pontos de aproximação das vivências escolares articulados à construção de saberes apreendidos no decorrer das minhas trajetórias de vida. Recorrendo a abordagem da pesquisa participante, num estudo etnográfico, busquei a fenomenologia para realizar a análise desta investigação. Os objetivos desse trabalho foram verificar como a arte e a filosofia podem se constituir por dispositivos produtores de sentido, oportunizando aprender e interrogar-se sobre o contexto adolescente em sala de aula. Apresento os movimentos da mediação através das criações desenvolvidas e a reflexão que surgiu desta práxis. Para tanto, busquei referências em Deleuze, Hickel, Pereira entre outros autores da filosofia e da arte, como Neruda e Quintana que deram base ao pensamento desta trajetória. Com a experiência vivencial aprendi que a formação do ator social tem caráter interdisciplinar e para chegar a formar outros, vai precisar se encontrar com a teoria e a prática, considerando os processos que tornam a vida complexa, mas em pleno movimento. Pela intervenção compreendi o quanto é importante conhecer os alunos, assim como de eles reconhecerem-se como colegas; como também, a necessidade de se construir espaços para circular os seus saberes e ao mesmo tempo, lançar desafios a partir das práticas de interação, seja com recursos tecnológicos, debates, leituras, produção escrita e oral.

Palavras-chave: interdisciplinaridade; mediação; narrativa autobiográfica; produção coletiva.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta minha experiência como ator social, num exercício de formação na instituição-escola. Através da construção narrativa tive por objetivo apresentar as angústias e os desafios que vivi, e o quanto de aprendizagem surgiu desta experiência com um grupo de adolescentes da periferia da cidade de Bagé. Os objetivos dessa investigação foram verificar como a arte e a filosofia podem se constituir por dispositivos produtores de sentido; como os recursos audiovisuais, podem desencadear formas de aprendizagem e propor questionamentos sobre este universo adolescente? Ao expor a experiência de quem pretendeu produzir afecções que pudessem provocar processos subjetivos nos alunos e professores, busco também pensar minha própria trajetória e refletir sobre a importância da formação do ator social nesse processo.

Para tanto, realizei um estudo etnográfico da turma de adolescentes e suas relações comigo como ator social e com os professores na instituição-escola. A oportunidade de fazer esta aprendizagem, construída no interior do grupo, exigiu trabalhar nos limites do tensionamento da relação dialética entre o individual e o coletivo descobrindo que os estudos que utilizam a perspectiva narrativa podem ser concomitantemente processos de formação e processos de investigação. Escolhi a

forma de escrita narrativa para expressar a vivência, a experiência particular, e, as transformações, para com ela compor o que Pereira (2013, p.50) entende por processo de produção de si. Sobre a composição textual, busquei em Deleuze (2011) o seguinte ponto de conexão, “Escrever é um caso de devir sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de vida que atravessa o vivível e o vivido”. (DELEUZE, 2011, p.11)

Esta composição teve que passar pelo movimento de suspensão, numa perspectiva fenomenológica, para então, apresentar meus questionamentos e vivências que emergiram no decorrer das idas e vindas ocorridas durante o segundo semestre de 2014. Sobre essa prática reflexiva, Forghieri (2004) explica da seguinte maneira:

A atitude natural, não refletida, ignora a existência da consciência, como a “doadora” de sentido de tudo o que a nós se representa no mundo. Por isso é necessário refletir sobre nossa vida cotidiana, para que se revele a existência de nossa consciência. (FORGHIERI, 2004, p.15.)

Busco esclarecer essas primeiras impressões e justificar o que refleti sobre o ato de aprender com o cotidiano e entender algumas características desse processo. E a partir desses movimentos, conduzir outras perspectivas de trabalho que ainda não foram exploradas ou necessitam ser retomadas, mas com novas nuances ou multiplicidades. Hicel (2000) a partir dos estudos desenvolvidos por Deleuze, comenta que essa abordagem da multiplicidade,

não exclui uma certa dose de unidade, no entanto nos desafia sua potencialidade, desafia pelo modo como se coloca em rede em torno de alguns elementos, fatores, situações, ideias, nos conduzindo a certas consistências e à uma nova geografia do pensamento, do convívio (HICKEL, 2000, p.55).

Aliando-se a esta perspectiva, minha escrita pretendeu descrever o quanto o tornar-se profissional que adentra nas práticas sociais, demanda um processo de elaboração subjetiva e objetiva que impulsiona a recuperar os percursos já trilhados e estar atento aos saberes dos sujeitos nos contextos vivenciados.

2 METODOLOGIA (MATERIAIS E MÉTODOS)

O percurso metodológico escolhido para o desenvolvimento desta investigação do tipo estudo de caso, de natureza descritiva e analítica, se utilizou do procedimento de busca e triangulação de informações e foi coletando dados numa abordagem de observação participante, com encontros dentro da sala de aula, através de registros em diários de campo, filmagens criadas por mim e pelos alunos, caracterizando assim, uma aproximação investigativa etnográfica. A utilização da narrativa teve por objetivo construir uma rede de informações que se centraram em compreender os significados sentidos pelo professor (ator social) através das vivências e experiências escolares e, como este profissional constrói o seu fazer cotidiano; a importância de sua formação e sua práxis presente no âmbito do ensino e da aprendizagem.

A mediação nesta pesquisa-ação visou os entendimentos dos múltiplos fenômenos desencadeados no decorrer das vivências em sala de aula. Uma

abordagem com uma intencionalidade, que segundo Forghieri (2004) “é, essencialmente, o ato de atribuir um sentido” (FORGUIERI, 2004, p.15). Esse movimento de ida à escola me levou a pensar sobre como poderia atravessar alguns obstáculos no decorrer das visitas e das práticas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os encontros assinalaram fatos que causaram deslocamentos em mim, nos alunos e nos professores, conforme os trabalhos com as disciplinas de artes e literatura que iam estabelecendo pontos de convergência. A identificação destes pontos provocou a busca de um posicionamento que pudesse criar afecções, a partir das produções audiovisuais produzidas pelos alunos. Os encontros tiveram por objetivo desacomodar os alunos inicialmente através da apresentação de vídeo-clipe e letra da música “Autoreverse”, da Banda Rappa.

Assim, a atividade em sala de aula correspondeu a um momento de conhecimento de posturas e modos de interação e visaram mediar práticas que os alunos foram convidados a serem protagonistas das suas produções. Nesse ponto se optou, como ferramenta de trabalho, adentrar o universo da escola por meio da busca de novos saberes oriundos da filosofia, que segundo Aranha (1997) caracteriza a perspectiva transformadora da filosofia:

[...] incomoda porque questiona o modo de ser das pessoas, das culturas, do mundo. Questiona as práticas: política, científica, técnica, ética, econômica, cultural e artística. Não há área onde ela não se meta, não indague, não perturbe. (ARANHA, 1997, p.62).

Em momentos provocativos e problematizadores dirigidos a turma sobre o que estavam assistindo surgiu uma resposta: “sei lá”. Considero que nesse contexto o “sei lá” tenha sido a principal força a reelaborar a prática, pois era preciso encontrar atrativos que simultaneamente trouxessem uma produção vinda do grupo e para o grupo.

Quando os questionamentos são instigados o grupo se vê numa situação de estranhamento, pois parte-se do princípio que as respostas sempre vêm do mediador. Mas a percepção de novos saberes manifestados pelos sujeitos é o que torna a interação fluída, pois amplia as expectativas das atividades, os anseios e como estas inquietações poderão ser conduzidas de outras maneiras.

Numa das próximas idas à escola foi possível atribuir sentido às práticas com os alunos através de uma data comemorativa. A alusão ao dia do poeta possibilitou a contextualização dos próximos movimentos. Com esse argumento, se desenvolveu um exercício de participação através da leitura oral de textos escolhidos pela turma, guiado por um roteiro que contemplasse três propostas: aproximação do tema, discussão em grupo e apresentação geral para a turma. Como ferramenta de abertura do trabalho apresentei o vídeo do poema “O Tempo” de Mário Quintana¹

Após terem assistido o vídeo, propus a criação de dois grupos que se empenhassem em escolher os poemas dos livros disponíveis naquele momento. Gradativamente, conforme foi se percebendo, o envolvimento dos alunos ganhou velocidade, pois os grupos tiveram aproximadamente 10 minutos para selecionar um

¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tTmj6zoAGRw>

texto dos livros de Mario Quintana (2004) e Pablo Neruda (2011) e apresentar aos colegas presentes na turma.

As próximas movimentações foram se tornando visíveis e concretas a partir da interação dos alunos entre si e comigo. Deste encontro foram obtidos 06 vídeos; 02 com a minha filmadora e mais 04 com os telefones celulares dos alunos.

Cada um dos livros apresentava uma coleção de temáticas abordando possíveis cenas do cotidiano. A escolha dos textos vinda diretamente de cada um dos grupos demonstrou quais as questões que chamavam atenção deles como sentimentos humanos e também, dos ciclos da vida, questionamentos existenciais dos seres humanos, contudo, recuperam e exercitam o imaginário destes seres em movimento, através da poesia. A esse exercício Deleuze (1995) argumenta que:

Num livro, [...] há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação. As velocidades comparadas de escoamento, conforme estas linhas, acarretam fenômenos de retardamento relativo, de viscosidade ou, ao contrário, de precipitação e de ruptura. Tudo isto, as linhas e as velocidades mensuráveis, constitui um agenciamento. (DELEUZE, 1995. p.10)

Fazer parte desse movimento direciona a outro ponto de encontro que é o da percepção de transformações neste contexto, na medida em que os alunos assumem uma postura protagonista inicial, e, simultaneamente expressam suas potencialidades e compartilham suas produções com os colegas. Na afirmação de DELEUZE (2011, p.15) que diz “a literatura é o agenciamento coletivo de enunciação”, aponta a preocupação sobre o que o grupo pensa e deseja discutir ou elaborar ideias sobre o que eles sentem ou vivem diariamente, contudo a escrita literária percorre um percurso interpretativo que aquele grupo achou importante escolher e expor naquele momento.

4 CONCLUSÃO

A partir das intervenções nesse ciclo de atividades percebi que alguns alunos demonstraram iniciativa para escolher e apresentar em grupo. Os encontros permitiram entender que há diversos ritmos de pensamento, e somados a isso, uma rede oscilatória de expectativas que procuram resolver os problemas enfrentados no ambiente escolar.

Considere importante o fomento da capacidade autônoma dos alunos em se reunir, decidir e apresentar seus trabalhos dentro da sala de aula, a qual pode ser desenvolvida no momento em que há um ambiente que os provoque por meio de questionamentos. A necessidade de se construir espaços para circular os seus saberes e, ao mesmo tempo, lançar desafios a partir das práticas de interação, sejam com recursos tecnológicos ou debates, leituras, produção escrita e oral. Dando ênfase necessária ao trabalho com a literatura, através dos poemas ou de letras musicais.

Nas discussões iniciais, os professores responsáveis pelas turmas comentaram-me que havia certa dificuldade em despertar interesse nos alunos. Parte desse obstáculo se fez presente em algum momento da mediação, contudo, isto não impossibilitou a manifestação da capacidade autônoma dos alunos em se reunir, decidir e apresentar seus trabalhos dentro da sala de aula. Eles conseguiram

circular os seus saberes e simultaneamente buscar pela interação a ampliação do diálogo da escrita, leitura, auxiliados pelos recursos tecnológicos. Em cada encontro emergiram novos elementos, independente de terem sido manifestados timidamente ou com mais intensidade.

A oportunidade de estar em contato direto com as atividades escolares trouxe para mim pontos de esclarecimento que puderam conectar-se coerentemente com os estudos iniciados no âmbito acadêmico, contribuindo assim para o aprofundamento da discussão e desenvolvimento de estratégias para refletir aspectos formativos que precisam ser aprimorados continuamente.

5 REFERÊNCIAS

- Aranha, M. L.A. (1997) *Temas de filosofia*. Moderna, São Paulo.
- Deleuze, G. (2011) *Crítica e Clínica*. Editora 34, São Paulo.
- Deleuze, G.; Guattari, F.(1995) *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol.1. Editora 34, Rio de Janeiro.
- Forghieri, Y. C. (2004) *Psicologia Fenomenológica: fundamentos, métodos e pesquisa*. Pioneira Thompson Learning, São Paulo.
- Hickel, N. K.(2000) *A Psicopedagogia como dobra na transdisciplinariedade*: in Revista E. Psi. B A. Psicopedagogía. “familias y escuelas: modos de pensar y pensarlas ante los desafios de los nuevos contextos” N. 10 (p. 54-62). Buenos Aires.
- Pereira, M. V. (2013) *Estética da Professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor*. Ed .da UFSM, Santa Maria.
- Neruda, P. (2011) *Cem sonetos de amor*. L&PM, Porto Alegre.
- Quintana, M.(2004) *Quintana de bolso: Rua dos Cataventos & Outros Poemas*. LP&M, Porto Alegre.